



‘ELA DEVERIA ESTAR APOSENTADA’: UM ESTUDO DOS MARCADORES SOCIAIS A PARTIR DA NOTÍCIA DIVULGADA PELO G1

‘She should be Retired’: A Study of Social Markers Based on News Published by G1

Fabíola Jerônimo Duarte¹
Adilma Gomes da Silva Machado²
Inayara Élide Aquino de Melo³
Henrique Miguel de Lima Silva⁴

Resumo: Diante da distopia social em relação ao acesso e permanência de pessoas com mais idade no ensino superior, a presente pesquisa tem como objetivo analisar os marcadores sociais de geração, profissão e idade por meio de três notícias veiculadas sobre um caso de *bullying* e etariefobia vivenciados por uma discente com mais de 40 anos e ‘ainda’ no ensino superior. Tomamos este caso como exemplo, diante da repercussão nacional e como representação dos lamentáveis casos recorrentes no Brasil. Fundamentamos nossa pesquisa nos estudos de Duarte e Silva (2023); Duarte (2023); Melo *et al* (2023) Collins e Bilge (2021) que versam sobre os marcadores sociais da diferença em contextos diversos, assim como sobre os possíveis sentidos que são articulados quando esses marcadores são analisados de forma individual e interseccional. Os resultados das análises indicam que as situações de *bullying* e etariefobia, presentes nas notícias analisadas são reflexos do preconceito e dos sentidos negativos atribuídos socialmente às pessoas idosas, não apenas pelo aspecto físico, como também pela definição dessas pessoas como seres restritos a determinados espaços sociais ou às atividades que não sejam condizentes com a sua ‘idade’. Assim, a pesquisa apresenta contribuições relevantes para se pensar o envelhecimento como um processo natural da vida, reconhecendo as pessoas idosas como seres capazes de tomar decisões e viver sem a regulação dos sentidos socialmente erigidos sobre a condição de pessoa idosa.

Palavras-chave: Ensino Superior. Envelhecimento. Marcadores Sociais.

Abstract: In view of the social dystopia regarding the access and permanence of older people in higher education, this research aims to analyze the social markers of generation, profession and age through three news stories about a case of bullying and age-phobia experienced by a student over 40 and ‘still’ in higher education. We took this case as an example, given the national repercussions and as a representation of the regrettable recurring cases in Brazil. We based our research on the studies of Duarte and Silva (2023); Duarte (2023); Melo *et al* (2023)

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – Proling/UFPB. João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5831-143X>. E-mail: fabiollla-mf@hotmail.com;

² Mestra em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa/PB, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1912-2852>. E-mail: adilmalibrasp@email.com;

³ Mestra em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa/PB. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8880-8284>. E-mail: inayara.elida@academico.ufpb.br;

⁴ Pós-doutorado em Ensino pela UERN. Docente efetivo do DLPL/UFPB. Professor permanente dos Programa de Pós-graduação em Linguística e Ensino - MPLE e Programa de Pós-graduação Linguística - PROLING, ambos da UFPB. João Pessoa/PB. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1394-9173>. E-mail: henrique.miguel.91@gmail.com.

Collins and Bilge (2021), which deal with the social markers of difference in different contexts, as well as the possible meanings that are articulated when these markers are analyzed individually and intersectionally. The results of the analysis indicate that the situations of bullying and age-phobia present in the news analyzed are a reflection of the prejudice and negative meanings socially attributed to older people, not only because of their physical appearance, but also because they are defined as being restricted to certain social spaces or activities that are not in keeping with their 'age'. Thus, the research makes relevant contributions to thinking of aging as a natural process of life, recognizing elderly people as beings capable of making decisions and living without the regulation of socially erected meanings about the condition of the older people.

Keywords: Higher education. Aging. Social Markers.

1 Introdução

Diante da distopia social em relação ao acesso e permanência de pessoas com mais idade no ensino superior, a presente pesquisa objetiva analisar os marcadores sociais de geração, profissão e idade por meio de notícias veiculadas sobre um caso de *bullying* e etariefobia vivenciados por uma discente com mais de 40 anos e 'ainda' no ensino superior.

Tomamos este caso como exemplo, diante da repercussão nacional e como representação das recorrentes e lamentáveis situações de discriminações pela idade que ocorrem diariamente no Brasil e que acabam sendo naturalizadas, diante de justificativas advindas de concepções preconceituosas sobre o envelhecimento (DEL-MASSO, 2015) e a propagação de estereótipos reforçados pela mídia, que regulam comportamentos e modulam identidades (HALL, 2016).

Para tanto, elencamos como objetivos específicos: analisar quais os sentidos que perpassam o marcador social de geração 'idoso'; descrever quais os marcadores sociais presentes nas três notícias definidas para estudo, observando como estas articulam estereótipos relacionados ao marcador social de geração; e identificar como os contextos, nos quais os marcadores sociais estão inseridos (as notícias), colaboram para que novos sentidos sejam formulados sobre as classificações sociais.

A formulação de tais objetivos parte da hipótese de que a compreensão dos marcadores sociais e dos possíveis sentidos socialmente atrelados a estes podem contribuir para o entendimento e aceitação do envelhecimento humano como um acontecimento natural da vida e um fenômeno subjetivo e distinto. Além disso, paralelamente, as nossas discussões contribuem para o campo da análise crítica do discurso, bem como para a ressignificação das práticas de linguagem veiculadas sobre a temática em tela.

Os marcadores sociais da diferença são compreendidos como categorias sociais instituídas com o intuito de enquadrar socialmente os sujeitos, para que se possa manter uma estabilidade da cultura (HALL, 2016). O que significa dizer que os marcadores sociais categorizam os sujeitos, sem, contudo, levar em consideração as particularidades que cada indivíduo apresenta como um sujeito único e singular.

Assim, os marcadores sociais são categorias ambivalentes e que regulam os sujeitos que se autoclassificam dentro de tais categorias (ZAMBONI, 2014), uma vez que, a partir dos sentidos que cada marcador social suscita em um dado contexto, formas distintas de discriminações e preconceitos podem ser articuladas, tanto através dos marcadores sociais analisados de forma isolada, quanto interseccional, visto que, esta é uma importante ferramenta

analítica e oriunda de uma práxis-crítica em que se pensa os marcadores sociais como categorias que interconectam relações de poder, ao mesmo tempo em que favorecem o surgimento de diversos problemas sociais (COLLINS; BILGE, 2021).

Após a definição dos marcadores sociais e a exposição da relevância destes como categoria de análise, investigamos quais os marcadores sociais da diferença veiculados em três notícias disponibilizadas pelo G1, no ano de 2023, sobre o *bullying* e a etariefobia⁵ vivenciados por uma discente com mais de 40 anos e ‘ainda’ no ensino superior.

Fundamentamos nossa pesquisa nos estudos de Duarte e Silva (2023); Duarte (2023); Melo *et al* (2023), e Collins e Bilge (2021) que versam sobre os marcadores sociais da diferença em contextos diversos, assim como sobre os possíveis sentidos que são articulados quando esses marcadores sociais são analisados de forma individual e interseccional.

Neste estudo, inicialmente, detalhamos quais sentidos são atribuídos socialmente aos marcadores sociais, em especial, ao marcador de geração, para posteriormente descrevermos quais são os marcadores sociais envolvidos nas três notícias definidas para análise, atentando para os fatores contextuais que fazem com que os marcadores sociais tenham seus sentidos (re)configurados a partir da sequência de posicionamentos adotados entre as discentes opressoras e a discente oprimida.

No tocante a estruturação da pesquisa, esta se divide em quatro partes: no segundo tópico, ‘A educação para pessoas idosas’, expomos a relevância e o direito à educação superior para as pessoas idosas, conforme o Estatuto do Idoso, ao mesmo tempo em que enfatizamos, segundo as considerações de Del-Masso (2015), como a universidade pode proporcionar um novo olhar sobre a pessoa idosa, tanto pela perspectiva subjetiva, quanto social.

No tópico, ‘Os marcadores sociais da diferença no meio social’, conceituamos os marcadores sociais a partir das teorizações de Schwarcz, (2012), Zamboni (2014), Duarte e Silva (2023), Melo *et al.* (2023) e Silva e Leite (2020), simultaneamente com a exemplificação das possíveis (re)significações advindas das análises dos marcadores sociais de forma isolada e interseccional.

O quarto tópico, ‘Procedimentos metodológicos da pesquisa’, consiste no detalhamento da metodologia adotada na pesquisa, isto é, como se deu o processo de análise das três notícias disponibilizadas pelo G1 e a definição destas como *corpus* da pesquisa e contextos para a centralização do marcador social de geração.

Ao longo do quinto tópico, ‘Marcadores sociais no contexto da fala ‘ela deveria estar aposentada’, desenvolvemos as análises sobre os marcadores sociais presentes nas três notícias, os efeitos de sentidos e as (re)significações a partir dos marcadores sociais que são evidenciados nelas, desde a produção do vídeo (situações de *bullying* e etariefobia) até a desistência das discentes que cometeram o ato de hostilidade e preconceito.

A pesquisa apresenta contribuições relevantes para se pensar o envelhecimento como um processo natural da vida, seus impactos no campo subjetivo e social, assim como a importância do desenvolvimento e incentivo ao respeito para com as pessoas idosas, tomando por base a consideração destas como pessoas que não atingiram seus ‘prazos de validades’, mas sim, que possuem aspectos físicos, psíquico e mentais singulares, capazes de tomar decisões sobre suas vidas e viverem além dos reflexos advindos dos sentidos socialmente erigidos sobre a condição de pessoa idosa, seja no Brasil, ou em qualquer lugar do mundo.

⁵ Termo que, segundo Pereira (2018), engloba a discriminação por idade, mas que também pode ocorrer de muitas outras maneiras, quando se adota um tratamento distinto para com o idoso e de modo desfavorável.

2 A educação para pessoas ‘idosas’

A Lei 8.842/1994, no art. 2, afirma que uma pessoa pode ser considerada como idosa quando possui idade superior a 60 anos. Ainda na referida Lei, destaca-se a necessidade de o poder público promover mecanismos que impeçam a discriminação da pessoa idosa, não apenas no mercado de trabalho, mas também no setor público e privado, uma vez que diversos direitos que as pessoas idosas possuem são negados ou desconhecidos pela sociedade.

Um desses direitos é o acesso à educação, que embora não seja de conhecimento de muitos, visto que socialmente a cultura impõe a concepção de que pessoas idosas não precisam mais estudar, é um dos direitos destacados no artigo 20 da Lei Federal nº 10.741/2003, que consiste no Estatuto da pessoa idosa, e na qual o artigo 25 expõe a importância que as Instituições de Educação Superior possuem na oferta de educação para as pessoas idosas “[...] na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais” (BRASIL, 2003).

Nesta perspectiva, a educação, em especial a Educação Superior, apresenta uma fundamental importância no tecer de um novo olhar sobre o idoso e o lugar que este ocupa na sociedade, caracterizando “um novo paradigma acerca do envelhecimento humano e possibilitando a mudança de uma visão muitas vezes negativa, de descrédito, para uma visão positiva desse momento da vida” (DEL-MASSO, 2015, p. 22), um momento no qual sonhos ainda podem ser concretizados, bem como a realização de atividades nunca feitas, como estudar, podem ressignificar as vidas de muitas pessoas idosas.

Contudo, para a construção de uma visão positiva sobre o envelhecimento, é crucial que a sociedade não seja mais instigada a considerar que há demarcações de um tempo para se viver todas as etapas da vida e que quando este tempo for ultrapassado, não se pode tentar retomá-lo, assim como seja ciente da indispensabilidade da oferta de “melhores condições de enfrentar o envelhecimento e a velhice de forma autônoma e independente” (DÁTILLO *et al.*, p. 46).

Na tessitura de condições para o enfrentamento do envelhecimento, a desarticulação de estereótipos de pessoas idosas como ‘os esquecidos’, ‘solitários’, ‘aqueles que já tiveram sua oportunidade’, ‘carentes de cuidados’ e ‘inábeis’ é fundamental, visto que além destes estereótipos serem resultantes de uma demarcação de poder que visa instituir um controle e manter significados sociais sobre os sujeitos (HALL, 2016), destituí-los é relevante para que a sociedade possa reconhecer as pessoas idosas como seres que podem ser ativos e que o envelhecimento é um fato que acomete a todos, pois não há como ir contra a ordem natural da vida.

No entanto, para muitos, o envelhecimento ainda é a confirmação de que ‘já é tarde demais’ para querer prosseguir com os objetivos pessoais, dado que acreditam que sonhos e os anseios pelas mudanças não pertencem àqueles cuja idade esteja fora da faixa etária esperada para determinadas coisas, tais como namorar, viajar, ser independente e, inclusive, estudar. Esta é uma visão preconceituosa sobre o envelhecimento, mas que infelizmente ainda é disseminada em nosso meio social e que acaba inibindo e, até mesmo, levando as pessoas idosas a aceitarem comodamente os estereótipos que discriminam e reprimem a autoestima deles.

Logo, refletir situações por meio das quais o envelhecimento possa ser visto como algo natural, e jamais como uma sentença de invalidez, oportuniza ressignificar os sentidos socialmente instituídos sobre a pessoa idosa, sobretudo quando tais situações são amplamente divulgadas pela mídia, um meio capaz de influenciar e moldar realidades, comportamentos e identidades, de acordo com o que tende a ser mais aceitável socialmente (BARROS, 2007), e em conformidade com os anseios de grupos dominantes, que objetivam promover a manutenção

de desigualdades sociais e edificarem, cada vez mais, as distinções decorrentes de inúmeros marcadores sociais (DUARTE, 2023).

Assim, como “o culto ao novo, ao atual, ao moderno, transformou o ato de envelhecer em um martírio e um exílio social forçado causando temor às pessoas que envelhecem” (DELMASSO, 2015, p. 20), os estudos sobre marcadores sociais, como os de idade, geração e profissão podem auxiliar no entendimento acerca de como a sociedade consolida desigualdades e faz com que as distinções sejam naturalizadas (MELO *et al.*, 2023), dado que a naturalização é justamente transpassada pelo não reconhecimento dos marcadores sociais da diferença e suas potencialidades para a produção de atitudes discriminatórias e várias práticas de exclusão no espaço social e educacional (COLLINS; BULGE, 2021).

O meio educacional, desse modo, precisa ofertar o acolhimento às diversidades dos seus alunos, assim como reconhecer situações que se configuram como práticas discriminatórias, sobretudo pela idade, tanto pelo fato da educação ser um direito adquirido das pessoas idosas, quanto pela importância de cumprir seu papel como uma instituição, na qual cidadãos são formados e a criticidade é incentivada, para que se tenha pontos de vista alternativos e justos sobre qualquer realidade.

Portanto, antes de observarmos como uma situação envolvendo *bullying* e etariefobia ocorreu dentro de uma universidade privada da cidade de Bauru - SP, apresentamos uma definição mais ampla de nossa categoria de análise, ou melhor, dos marcadores sociais da diferença, em virtude do entendimento sobre os marcadores sociais da diferença possibilitar a compreensão das possíveis razões que desencadeiam as hostilidades para com aqueles que são considerados ‘diferentes’, ainda mais quando a diferença provém da idade que o outro possui.

3 Os marcadores sociais da diferença no meio social

As diferenças socialmente instituídas entre os sujeitos, para Hall (2016), advêm de uma longa e histórica disputa pela manutenção do poder e, ao mesmo tempo, da própria necessidade de uma estabilidade social oportunizada pela classificação, visto que, se as instabilidades comprometem a ordem natural das coisas, “uma não classificação, ou seja, um “meio termo” também pode ocasionar uma possível desestabilidade da cultura” (DUARTE, 2023, p. 34). Por isto, almejando a estabilidade e categorização dos sujeitos, os marcadores sociais da diferença foram estruturados, segundo Zamboni (2014), seguindo a ordem do tempo e do espaço, e tendo como embasamento as experiências dos sujeitos. O que significa dizer que as formas de tratamento, os sentidos que são atribuídos e constantemente renovados sobre determinado marcador social, assim como os efeitos sociais que os marcadores articulam não são intrínsecos aos signos linguísticos (a palavra em si), e sim, fazem parte de uma conjuntura social, na qual há a fixação de sujeitos em lados opostos e, a depender dos marcadores que definem tais sujeitos, um dos lados terá vantagens sobre o outro.

Neste jogo de oposições, os marcadores sociais da diferença são categorias ambivalentes e postas como advindas de uma conotação biológica, quando, na verdade, são classificações que “repõem ambivalências, próprias ao contexto e à manipulação dos indivíduos que se autoclassificam” (SCHWARCZ, 2012, p. 50), pois na diversidade de marcadores sociais que há em nossa sociedade, tais como, gênero (homens e mulheres...), classe (ricos e pobres...) e geração (jovens e idosos...), o binarismo acaba produzindo generalizações e distinções que não são naturais de cada marcador social, ao contrário, são alimentadas e consolidadas culturalmente, tanto pelo interesse, quanto pelo poder (HALL, 2016).

Assim, os signos linguísticos utilizados como marcadores sociais apresentam a capacidade, seja de forma isolada ou conjunta, de produzirem representações sociais pautadas nos discursos que são disseminados em nosso meio social e que são culturalmente compartilhados. Sendo, assim, uma preocupação, dado que o caráter puramente classificatório dos marcadores sociais é utilizado como justificativa para impor a desigualdade e hierarquia (SCHWARCZ, 2009). De tal maneira que, mesmo quando se pensa não ser preconceituoso(a), ao perceber um homem idoso, por exemplo, jogando futebol velozmente, algumas pessoas imediatamente questionam: ‘Como ele faz isso, se ele é velho?’. Este pensamento não decorre da condição física que está sendo observada no idoso (alguém com um bom condicionamento físico), mas da categoria social na qual este idoso se enquadra (alguém que, devido a idade e a suposta fragilidade física, não deveria conseguir mais correr e, nem mesmo, jogar futebol).

Então, questionamentos sobre a capacidade das pessoas idosas para realizarem determinadas atividades serão consideradas naturais para muitos, visto que a sociedade atribui ao envelhecimento à condição de sedentarismo, à dificuldade de locomoção, à execução de atividades tidas como de avós, a exemplo, tricotar, bordar, costurar, etc. Isto é, atividades que envolvem pouco esforço físico. Por consequência, quando há pessoas idosas dançando, correndo, nadando ou praticando esportes considerados apenas para jovens, como escaladas, futebol, paraquedismos, ou qualquer outro que exija força física, jamais se imagina que tais atividades também possam ser realizadas por pessoas idosas.

Estas concepções sobre a condição física de uma pessoa idosa originam-se dos estereótipos compartilhados socialmente e que fazem com que ocorram questionamentos como o citado acima, dado que estes estereótipos representam comportamentos que regulam vidas através dos significados erigidos socialmente sobre eles (HALL, 2016). E esse tipo de questionamento se intensifica ainda mais quando uma pessoa sofre o atravessamento simultâneo de marcadores sociais, uma vez que “cada uma dessas categorias de classificação está associada a uma determinada posição social, possui uma história e atribui certas características em comum aos indivíduos nelas agrupados” (ZAMBONI, 2014, p. 14).

Desse modo, os marcadores sociais são categorias que generalizam e apresentam sentidos socialmente impostos. Se pensarmos nas ambivalências dos marcadores sociais de geração ‘criança’ *versus* ‘idoso’, perceberemos que ao marcador ‘criança’, em nosso meio social, são atribuídos sentidos do tipo: pessoa em início de seu desenvolvimento e dependente de um responsável legal, visto ser considerada incapaz legalmente e por apresentar vulnerabilidade física. Já quando pensamos no marcador ‘idoso’, há sentidos opostos e ao mesmo tempo semelhantes ao do marcador ‘criança’, dado que uma pessoa idosa é considerada como um ser já desenvolvido, mas dependente de um responsável legal, tanto pela suposta vulnerabilidade física, quanto pela incapacidade na tomada de decisões.

Percebe-se que, embora os dois marcadores sociais analisados definam sujeitos em estágios diferentes da vida, há sentidos que aproximam os marcadores ‘criança’ e ‘idoso’, quando pensamos, por exemplo, que socialmente existe a concepção de que ser idoso é como voltar a ser uma criança, ou seja, a pessoa idosa passaria a ter mais uma vez em sua vida a dependência de um responsável, para que não fique em vulnerabilidade física e social.

Uma concepção que é desfeita diante dos novos sentidos que são construídos quando falamos sobre o Estatuto da criança e Estatuto do idoso, pois quando o marcador ‘criança’ é relacionado a uma lei específica para a ‘criança’, os indivíduos que são considerados crianças, sejam estes meninos ou meninas (marcador de gênero), todos possuem os mesmos direitos e deveres, inclusive o direito à educação e a primazia de proteção e socorro (BRASIL, 1990). Ao passo que, quando falamos sobre o Estatuto do idoso, seja este idoso ‘homem’ ou ‘mulher’,



branco(a) ou negro(a), há a inclusão de todos os sujeitos pertencentes a esta categoria em uma mesma lei, na qual também há a primazia das políticas públicas específicas (BRASIL, 2003), mas não sendo o direito à educação algo tão prioritário quanto para uma criança, dado que se considera socialmente que o idoso já não está mais em um estágio de desenvolvimento.

Assim, os sentidos construídos em torno dos marcadores sociais partem de concepções edificadas socialmente e que objetivam a instauração de sentidos formulados para a manutenção de determinados interesses da sociedade (DUARTE, 2023). Como podemos ver no exemplo acima, o sentido que iguala uma pessoa idosa a uma criança deixa de existir quando pensamos que estamos diante de leis destinadas a sujeitos socialmente distintos.

Por esta razão, os marcadores sociais da diferença, ao mesmo tempo em que agrupam sujeitos, produzem generalizações, por desconSIDERAR suas particularidades (DUARTE; SILVA, 2023), que servem para compor uma estigmatização social dos sujeitos aos quais determinado marcador é atribuído. Algo que explica o motivo pelo qual as pessoas que fazem parte da categoria ‘idoso’ são comumente consideradas como seres em processo de inativação, sedentarismo, com uma saúde possivelmente comprometida, aposentados, etc. Quando, na verdade, podem ser pessoas ativas e que estão buscando oportunidades que não tiveram antes, como, por exemplo, o acesso à educação.

Por isto, “usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder” (COLLINS; BULGE, 2021, p. 45) e que fazem com que seja possível compreendermos o motivo pelo qual uma pessoa idosa, embora apresente um bom condicionamento físico, seja considerada como velha, inábil e inadequada para fazer algumas atividades.

Logo, os marcadores sociais e a interseccionalidade destes servem como categorias de análises que podem esclarecer como sujeitos que estão inseridos em um mesmo grupo social, ao serem atravessados por outros marcadores sociais, apresentam determinadas vantagens ou desvantagens em relação ao outro (COLLINS; BULGE, 2021). É neste sentido que:

os marcadores sociais são capazes de significar e construir diferenciações que impactam a vida em sociedade, bem como as relações entre sujeitos, favorecendo opressões que ocorrem em diversas situações e contextos de nossa sociedade. E um desses contextos é o meio educacional, um espaço no qual há uma diversidade de sujeitos em formação e que precisam ser conscientes de que as opressões são materializadas de diversas formas [...] (MELO *et al.*, 2023, p. 504).

À vista disso, os marcadores sociais da diferença sozinhos possuem significações suficientemente capazes de fazer com que visões positivas ou negativas sobre determinado sujeito ou situação sejam estabelecidas em uma sociedade e, conjuntamente, esses mesmos marcadores sociais intensificam sentidos ainda mais corpulentos, que não apenas produzem discriminações, como também reforçam determinados estereótipos (DUARTE; SILVA 2023).

Uma exemplificação prática do funcionamento dos marcadores sociais isolados e conjuntamente pode ser observada em relação ao marcador de geração ‘idoso’ e os sentidos que são intensificados ou reorganizados a partir da troca ou acréscimo de novos marcadores, conforme observamos a seguir:



Figura 1 – Funcionamento 1 dos marcadores sociais isolados e conjuntamente



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Ao analisarmos os marcadores sociais presentes na Figura 1, percebemos que sobre o marcador de geração ‘idoso’, socialmente, existe a concepção de que é alguém cuja condição física é frágil; e quando pensamos em um idoso ‘cadeirante’, ‘acamado’ ou ‘aposentado’, além dos sentidos que ratificam a concepção da fragilidade corporal, da condição física e trabalhista da pessoa idosa, outras significações são formuladas mediante a associação dos termos ‘idoso cadeirante’, ‘idoso acamado’ e ‘idoso aposentado’.

Ainda mais intenso são os significados e as concepções sociais que circundam um sujeito que, ao mesmo tempo, seja ‘idoso + cadeirante + acamado + aposentado’, pois o acréscimo simultâneo de marcadores sociais reforça o sentido do marcador principal (neste caso ‘idoso’) e abre espaço para novas formas de discriminações que perpassam a categoria geracional, mas ainda centralizando o estereótipo de uma pessoa idosa.

Do mesmo modo que, se pensássemos o marcador social ‘idoso’ associado a alguns marcadores com sentidos opostos à condição física de uma pessoa idosa, teríamos novas formas de discriminações, dado que estamos associando marcadores que também perpassam uma categoria geracional, mas agora conjuntamente com marcadores fora do estereótipo de uma pessoa idosa.

Figura 2 – Funcionamento 2 dos marcadores sociais isolados e conjuntamente



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Na situação acima (Figura 2), há sentidos já cristalizados sobre o que é ser um ‘idoso’, mas que quando associados aos marcadores como ‘atleta’, ‘estudante’ e ‘contratado’, estes três últimos marcadores não são condizentes com o estereótipo de um idoso. É nesta observação de sentidos destoantes e, ao mesmo tempo, na quebra das expectativas ou do sentido sobre determinado marcador social e seus possíveis estereótipos que residem as discriminações que permitem pensamentos que inviabilizam a existência e normalização de um ‘idoso que seja estudante’, um ‘idoso que seja contratado’ ou de um ‘idoso que seja atleta’.

Uma pessoa idosa, assim, ao ocupar a condição de ‘aposentado’ está em uma categoria aceita socialmente e condizente com o seu marcador geracional, mas quando uma pessoa idosa passa a ser categorizada como ‘estudante’, ela enquadra-se em um perfil social não correspondente com a idade e a sua função, uma vez que a sociedade impõe que ser ‘estudante’ é algo comum para jovens, não para um idoso.

Diante dessas associações entre marcadores, é perceptível que um marcador social sempre acarretará outros, por não ser possível pensar e nem representar um marcador social, como ‘idoso’, destituído dos seus papéis sociais, quer dizer, distante das concepções sociais sobre o que é ser uma pessoa idosa, sobre aquilo que esta pode ou não fazer.

Então, quando propomos analisar situações nas quais há a presença de marcadores sociais, em especial, o geracional, torna-se possível compreendermos como a sociedade influencia a forma pela qual as pessoas percebem o envelhecimento humano e reflexos comportamentais, visto que o envelhecimento não segue um padrão fixo e ser categorizado como ‘idoso’ não é ter um estereótipo social como unânime. Por isso, é relevante fortalecer a autoestima e autoaceitação das pessoas idosas para que elas vivam pela ótica de suas próprias convicções, não pelo pré-julgamento e pensamentos equivocados sobre o envelhecimento.

4 Procedimentos metodológicos da pesquisa

A pesquisa é de base qualitativa e método indutivo, isto é, partimos de um estudo específico para pensarmos uma realidade mais ampla. Sendo assim, a pesquisa consiste em uma análise acerca dos marcadores sociais da diferença veiculados em três notícias disponibilizadas pelo G1, no ano de 2023, sobre o *bullying* e a etariefobia vivenciada por uma discente com mais de 40 anos e ‘ainda’ no ensino superior.

Inicialmente, detalhamos quais sentidos são atribuídos socialmente aos marcadores sociais, sobretudo, ao de geração, para posteriormente descrevemos quais são os marcadores sociais envolvidos nas três notícias definidas para análise, atentando para os fatores contextuais que fazem com que os marcadores sociais tenham seus sentidos (re)configurados a partir da sequência de posicionamentos adotados entre as discentes opressoras e a discente oprimida.

5 Marcadores sociais no contexto da fala ‘ela deveria estar aposentada’

Conforme já exposto, os marcadores sociais articulam sentidos que produzem formas de preconceitos e discriminações, tomando por base os sentidos e as concepções formuladas em torno dos marcadores sociais utilizados em um dado contexto ou sobre determinado sujeito. Logo, para analisarmos as três notícias disponibilizadas pelo G1, no ano de 2023, sobre o *bullying* e a etariefobia vivenciados por uma discente com mais de 40 anos e ‘ainda’ no ensino superior, primeiramente descrevemos quais são os marcadores sociais que estão envolvidos nas três situações e quais deles se sobressaem em cada uma das notícias.



Quadro 1 – Descrição dos marcadores dos textos analisados

Marcadores sociais envolvidos nas três notícias	Marcador 1	Marcador 2	Marcador 3
Gênero (mulher), idade (40), cor (branca), Nível de escolaridade (universitárias), geração (jovens <i>versus</i> idosa), profissão (biomédicas <i>versus</i> aposentada)	Geração	Profissão	Escolaridade

Fonte: Elaboração própria, 2023

Como podemos observar no Quadro 1, nas três notícias há marcadores de gênero, idade, cor, escolaridade, geração e profissão. Esses marcadores são pensados em decorrência de uma situação na qual uma discente universitária sofre etariefobia e ao mesmo tempo *bullying*, em face de integrar a condição de discente do curso de Biomedicina, que não corresponde ao perfil etário aceito pelas três discentes e autoras do vídeo.

Figura 3 – Notícia inicial sobre a produção e viralização do vídeo feito pelas discentes



Fonte: G1 – 2023.

Na Figura 3, o destaque para a idade ‘40 anos’ está inserido em um contexto de uma universidade. E como já enfatizado, a educação a nível superior para as pessoas idosas é um direito assegurado pela Lei 10.741/2003. No entanto, apesar da discente hostilizada ser também uma discente universitária, e que mesmo sendo uma mulher, branca, discente do curso de Biomedicina e perpassada pelas mesmas categorias sociais que as discentes que cometeram a



relação com o marcador ‘aposentado(a)’ é destituída, pois a vítima, mesmo tendo mais de 40 anos pode ocupar a categoria social de uma discente universitária, dado que, tal discente, independentemente da idade, pode estudar, visto que a idade não é sinônimo de invalidez.

Além disso, a crítica sobre a idade da vítima também reflete a associação dessa à incapacidade intelectual, considerando que sobre a condição de ‘aposentado(a)’ recai também a concepção de que são pessoas com mentes instáveis e que não conseguiriam, diferentemente dos ‘jovens’, estudar. Ratificando socialmente, segundo Rocha (2019, p. 173), que “mesmo que a educação não tenha idade, ela tem, contudo, destinatários outros que não as pessoas idosas.”

Uma afirmação que instaura preocupação, em virtude de as instituições de ensino também precisarem incentivar e acolher as pessoas idosas. Oferecendo a estas a condição necessária para o acesso e também a permanência no meio educacional, visto que nem todas as pessoas vão seguir uma determinação temporal para cada etapa de sua vida. Existirão sempre situações que irão ‘fugir à regra’ e que precisarão ser acolhidas e respeitadas pelas instituições de ensino, assim como por toda a comunidade.

Nesta situação da Figura 3, mesmo que a universidade reconheça que as três discentes erraram e se mostram arrependidas, o ato delas não deixa de expor a discriminação pela idade, que também é atravessada por uma falta de empatia entre colegas de curso, ou seja, mulheres que estão inseridas em um tempo no qual o empoderamento está em voga e a ascensão profissional é imprescindível (CORNWALL, 2018).

Ainda assim, a idade é o marcador social de maior destaque, visto que este é articulado de acordo com os interesses daqueles que os utilizam. Logo, neste caso, o interesse era precisamente o ato de deboche sobre aquilo que não era condizente com o estereótipo de uma discente universitária, ou seja, o destaque para as características físicas da vítima decorre das três discentes perceberem, por uma ótica errônea, que seu estereótipo era de alguém que é ‘aposentada’, e não universitária. Algo que será ressignificado quando a segunda notícia é exposta e na qual a vítima justifica o porquê de ingressar em universidade, mesmo não sendo mais jovem.

Figura 4 – Notícia na qual há o pronunciamento da vítima





Fonte: G1 – 2023.

Na Figura 4, a Patrícia, discente de 44 anos, explica que soube do vídeo produzido por suas colegas de sala enquanto se preparava para iniciar uma apresentação. A vítima aparenta acreditar que está em uma situação de igualdade em relação aos seus colegas, fazendo as mesmas atividades que os demais. Contudo, a percepção de que era considerada como diferente dos colegas de sala resulta do meio no qual estava inserida, dado que, enquanto Patrícia não observa a idade que possui como uma limitação e acredita que a universidade é um espaço democrático, algumas pessoas, que integram o mesmo espaço que ela, consideram-na como uma ‘anormalidade’ naquele ambiente.

Logo, ser uma mulher e estudante, mesmo aos 44 anos não demonstra ser algo anormal para Patrícia, em virtude de ela saber que ser universitária com essa idade não é sinônimo de limitação, mas sim, é uma consequência da falta de oportunidade de cursar Biomedicina quando ainda era jovem, pois precisava cumprir outras demandas de sua vida, que a impossibilitou de ser uma universitária quando ainda era ‘jovem’ e dentro da faixa etária socialmente estabelecida para a categoria ‘universitária’.

Agora, diante do ponto de vista de Patrícia, o fato de ser ‘mulher + ‘velha’ + universitária’ compõe um estereótipo recorrente no meio social para quem não teve acesso ao Ensino Superior dentro da idade esperada. Sendo assim, percebemos que, quando a situação sai do ponto de vista das três discentes que cometeram a hostilização (‘mulher + ‘jovem’ + universitária’) e passa a ser observada pelo da vítima, seu estereótipo é condizente com o perfil de uma discente universitária, pois uma particularidade sua, ou seja, a falta de oportunidade para estudar antes, permite que ela esteja adequada a uma categoria que não pertencia a seu estereótipo (‘mulher + velha’).

Conseqüentemente, observamos que, enquanto na Figura 3 houve a configuração de uma mulher de 44 anos como uma estudante que não deveria estar mais frequentando a universidade, temos, na Figura 4, a recolocação dessa mulher como um exemplo de superação e resiliência, visto que, mesmo diante das adversidades da vida e do avançar da idade, manteve o sonho de ser biomédica.

A colocação do marcador social ‘aposentada’, agora destacado por alguém que supostamente deveria estar nesta condição, transcende a limitação da idade e enfatiza a vivacidade que uma pessoa com mais idade possui, por não considerar que existe um tempo limite ou uma idade específica para ter uma profissão.

Ainda há outro sentido adicionado pelo novo posicionamento sobre o marcador ‘aposentada’. Neste caso, o de que uma mulher, que socialmente também possui o papel de cuidadora do lar, ultrapassa este papel e passa a ser observada como uma mulher ativa e empoderada, que se esforça para mudar a própria realidade e cuidar de seus desejos pessoais, mesmo aos 44 anos de idade. Reconduzindo o olhar negativo para idade, que se observa na Figura 3, para uma positividade endossada, ainda mais, pelo marcador social de gênero. Transpassando os sentidos negativos sobre o marcador ‘aposentada’ e firmando uma valorização do gênero ‘mulher’ com ‘44 anos’ e ‘universitária’.

A fala da vítima, assim, exemplifica uma realidade de preconceito comumente observada em diversas universidades do Brasil (VIANA; HELAL, 2023), mas que também serve como uma forma de reflexão, tanto para aqueles que cometem atos discriminatórios, quanto para as vítimas de tais atos. Afirmamos isto, por percebermos, com base nos dados apresentados pelo IBGE (2022) sobre os índices de acesso ao ensino superior para pessoas com mais de 40 anos de idade e do aumento da taxa de longevidade no Brasil e no mundo, a

necessidade de compreender que a idade não define a capacidade física e mental dos indivíduos, visto que cada sujeito possui uma história de vida pessoal, que conduzirá as circunstâncias que permitirão ou não adentrar em uma universidade dentro da idade esperada socialmente, ou seja, ainda jovem (SANTOS FILHO; SILVA; GOMES, 2019). Sendo assim, buscar uma profissão somente após os 44 anos de idade pode ser uma escolha pessoal de cada sujeito, mas nunca tal escolha será tomada pelos mesmos motivos. No caso da discente hostilizada, apenas com o alcance dessa idade foi possível conquistar a estabilidade financeira que lhe possibilitou o ingressar no Ensino Superior.

Concernente às vítimas de atos discriminatórios, a situação que a vítima vivenciou, tanto pelo aspecto de gênero, assim como da idade, ressalta a importância da autoconstrução de uma concepção positiva sobre si. Reconhecendo-se como alguém que está em busca de objetivos pessoais e que, para tanto, não existe uma idade limiar, e sim a necessidade de uma visão positiva sobre a sua idade, bem como a ciência de que não é preciso seguir às regulações que os marcadores sociais (neste caso a idade e profissão) impõem.

Entretanto, para que não ocorra atos discriminatórios e para que as vítimas tenham uma visão positiva de si, “as condições pessoais e ambientais são muito importantes para a satisfação para a vida, o bem-estar subjetivo e, especialmente, a autorrealização, a autoimagem e a autoestima” (MOSQUEIRA; STOBÄUS, 2012, p. 17). Por esse motivo, o apoio e a comoção gerada pela exposição que a vítima vivenciou foram essenciais para que esta pudesse dar continuidade aos estudos, mesmo após ser considerada como ‘velha’ e inadequada para a categoria de discente universitária, bem como, pretensa Biomédica. Assim, frente às discentes que demonstraram preconceito com a Patrícia, em decorrência da idade, outros colegas da vítima manifestaram a solidariedade e o reconhecimento de que a universidade também é um espaço no qual pessoas com mais idade e na condição, de fato, de ‘aposentadas’ podem frequentar. Confirmando o entendimento de que os marcadores sociais apresentam sentidos motivados pelas experiências dos sujeitos e de acordo com a temporalidade (ZAMBONI, 2009), do mesmo modo que apresentam um caráter maleável e não mais generalizante, em face de uma necessidade de reconfiguração dos sentidos imposta por uma condição que sai de atípica e inaceitável socialmente (universidade não é lugar de pessoas com mais de 44 anos) para algo normal e aceitável (a universidade também é lugar de pessoas com mais de 44 anos).

Por consequência, quando há a reconfiguração sobre os sentidos dos marcadores sociais de geração e profissão, o de escolaridade também foi impactado, uma vez que os marcadores sociais são motivados por encadeamento de sentidos, conduzidos e ocasionados em virtude da intersecção deles e dos sentidos que cada um destes carrega. (DUARTE; SILVA, 2023). À vista disso, os marcadores sociais que foram utilizados como estratégia de exclusão pelas três discentes serviram para que a atitude preconceituosa e discriminatória delas fosse revertida para a conscientização de que a universidade não pode receber pessoas que desconsideram o outro somente por este não estar inserido em um estereótipo específico daquele espaço, como o estereótipo de universitárias sendo necessariamente jovens.

Diante disso, na Figura 5, o marcador social ‘discentes’ passa a ser enfatizado, dado que o estereótipo que não pode ser mais aceito é o de discentes desrespeitosas para com os colegas, e conseqüentemente, com pessoas que apresentam uma idade mais elevada, por, na maioria dos casos, aqueles que costumam fazer atos discriminatórios não terem a concepção de que o envelhecimento acomete a todos (DEL-MASSO, 2015).



Figura 5 – Notícia na qual as discentes que hostilizaram a colega desistem do curso



Fonte: G1 – 2023.

Nesta situação também ocorre a inversão de papéis entre a vítima e as três discentes, não em decorrência da vítima revidar com a mesma hostilidade que recebeu, mas sim, pelo fato das três discentes ficarem na condição de rejeitadas pelos demais colegas e alunos da instituição, a ponto de optarem pela desistência do curso de Biomedicina. Uma rejeição social que não apenas coloca em lados opostos ‘discentes jovens’ *versus* ‘discentes com mais de 40 anos’, mas que também destaca aquilo que era esperado por ambas as partes, aquilo que não é tolerável para ambos opostos, além da(s) atitude(s) esperada(s) pela própria universidade em relação a este conflito.

Neste caso, o marcador que passa a ter mais destaque é a condição de ‘discente’ e aquilo que se espera de alguém que se enquadre neste estereótipo, independentemente de ser ‘discentes jovens’ ou ‘discente com 44 anos’. O meio social, ou seja, o contexto da própria universidade permitiu uma reparação por parte das três discentes, mas lidar com a rejeição dentro de um contexto que, supostamente, é ‘seu espaço’, não é algo fácil.

Possibilitando, deste modo, um olhar também para a condição de inúmeras pessoas idosas e que vivenciam constantemente atos de rejeição em diversos espaços sociais, pois embora a discente hostilizada não possua a idade esperada para a categoria de uma idosa, a situação por ela vivenciada reflete inúmeros outros atos de *bullying* e etariefobia que não ganham visibilidade nacional, mas que poderiam ser desarticulados quando se tem uma visão positiva sobre o envelhecimento e sobre as pessoas que são consideradas como idosas dentro do contexto universitário, assim como em qualquer outro espaço social.

Pensar assim, ou melhor, pensar os marcadores sociais presentes nas notícias, principalmente o de geração, por um ponto de vista positivo e menos generalizado, permite que as particularidades de cada sujeito possam fortalecer sentidos que são auspiciosos e que fazem com que estereótipos sejam desarticulados, pois como pudemos observar, as singularidades dos

